

TRADUZINDO *MEMES OF TRANSLATION* DE ANDREW CHESTERMAN PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

TRANSLATING ANDREW CHESTERMAN'S *MEMES OF TRANSLATION* INTO BRAZILIAN PORTUGUESE

Monique PFAU¹

Resumo: Na graduação e principalmente na pós-graduação de áreas das Ciências Humanas das universidades brasileiras, professores(as), pesquisadores(as) e estudantes trabalham com produções textuais estrangeiras, especialmente no que se refere às teorias de base para a fundamentação teórica de suas áreas de conhecimento. Muitos textos fundamentais já estão traduzidos para o português, entretanto, ainda há uma quantidade expressiva de textos que se encontram somente em língua estrangeira com acesso restrito aos proficientes na(s) língua(s) em que o texto se encontra disponível. Neste sentido, com o objetivo de contribuir para o acervo de texto teóricos traduzidos para o português brasileiro e de formar tradutoras e tradutores na Universidade Federal da Bahia, optou-se pela tradução da obra *Memés of Translation*, de Andrew Chesterman em uma prática de metatradução. A obra está sendo traduzida por cinco tradutoras em formação sob supervisão da professora. Para iniciar o processo, elaborou-se um projeto e um glossário para buscar consistência em uma obra traduzida por várias mãos. O projeto e o processo tradutório mostram a complexidade da tradução de uma obra de cunho acadêmico. Leva-se em consideração a terminologia específica, a escrita acadêmica, as citações de obras já traduzidas para o português, os exemplos de estratégias de traduções elencadas no texto-fonte (inglês-alemão) e até o senso de humor peculiar de Chesterman. Assim, observa-se que a tradução de obras teóricas apresenta uma série de especificidades que merecem mais atenção na pesquisa em Estudos da Tradução, especialmente no Brasil.

Palavras-chave: Tradução de textos teóricos. Tradutoras em formação. Tradução colaborativa. Metatradução. Andrew Chesterman.

Abstract: At the graduate and postgraduate levels in the areas of Human Sciences of Brazilian universities, professors, researchers and students work with foreign textual productions, mainly in what concerns the basic theories for the theoretical foundation of their areas of knowledge. Many fundamental texts are already translated into Portuguese; however, there is still an expressive amount of texts that are only available in foreign languages with restricted access only to those proficient in the language(s) that the text is available. In order to contribute to the collection of theoretical texts translated into Brazilian Portuguese and to train translators at the Federal University of Bahia, the translation of Andrew Chesterman's *Memés of Translation* was chosen for a metatranslation practice. There are five translation students working in this project supervised by their professor. To begin the process, a translation project and a glossary were built to seek consistency considering that is a text translated by several hands. The project and the translation process show the complexity of the translation of an academic work. The translation process takes into consideration specific terminology, academic writing, citations of texts already translated into Portuguese, examples of translation strategies of the English-German languages used in the source-text, and even Chesterman's peculiar sense of humour.

¹ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professora do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia

Therefore, translation of theoretical texts reveals a series of specificities that deserve more attention in the field of Translation Studies, especially in Brazil.

Keywords: Translation of theoretical texts. Translators' training. Collaborative translation. Metatranslation. Andrew Chesterman.

1 Introdução

Como acadêmica, professora, pesquisadora e usuária de material teórico para meus estudos, pesquisas e docência, frequentemente deparo-me com materiais em diferentes línguas e, logicamente, acabo consultando os materiais nas línguas que tenho proficiência em leitura. Na busca por referências, também observo que muitos materiais que encontro e utilizo não estão disponíveis na minha língua materna, o português. Na área de Estudos da Tradução, por exemplo, não é frequente encontrar textos teóricos estrangeiros traduzidos para o português.

Isso leva à reflexão sobre os pesquisadores e pesquisadoras brasileiras que trabalham com produções textuais estrangeiras em teorias de base e teorias de apoio. Evidentemente, as referências escolhidas acontecem dentro de suas proficiências linguísticas, pois somos limitados/as a elas. Podemos, assim, ponderar sobre o quanto a tradução de fato influencia as reflexões de uma comunidade científica. Ainda que não consigamos mensurar o tamanho da influência da tradução de textos teóricos na comunidade acadêmica, é possível perceber que é um assunto que merece reflexão.

Outra questão que merece atenção é sobre o acesso a obras teóricas. Mesmo que o pesquisador ou a pesquisadora brasileira seja proficiente em outras línguas além do português, o acesso a textos teóricos estrangeiros costuma ser mais restrito do que obras publicadas no Brasil. Em relação a artigos de pesquisa, por exemplo, o Brasil publica visivelmente mais em acesso aberto do que países do hemisfério norte². No que se refere a livros, a aquisição de obras normalmente apresenta um custo mais alto por ser cobrado em moedas estrangeiras, costumeiramente de maior valor, como o dólar ou o euro, e ainda, se for uma obra impressa, a distância que percorre até chegar ao destino final no Brasil também onera a obra.

Há de fato uma série de obras já traduzidas para o português. Dentro da área dos Estudos da Tradução, temos obras importantes como *A Tradução e a Letra* (2007), de Antoine Berman; *Análise textual em Tradução* (2016), de Christiane Nord; *Escândalos da Tradução* (2002), de Lawrence Venuti; e os ensaios compilados em *Clássicos da Teoria da Tradução* (2002) de diferentes teóricos alemães como Walter Benjamin e Friedrich Schleiermacher, somente para citar alguns³.

Levando em consideração a situação observada nesta introdução, o objetivo deste artigo é apresentar um trabalho de tradução de uma obra teórica em Estudos da Tradução que está sendo realizado em um grupo de pesquisa. Este relato contempla a prática de formação de tradutoras ao mesmo tempo que pretende viabilizar a obra para a comunidade acadêmica brasileira interessada em Estudos da Tradução como uma forma de contribuir com mais uma referência importante na área.

² Um exemplo é o portal SciELO que disponibiliza em acesso aberto periódicos brasileiros, latino-americanos e caribenhos de todas as áreas de conhecimento. <https://scielo.org/> (acesso em 06/09/2019)

³ Este artigo não pretende fazer um mapeamento sobre as obras teóricas estrangeiras em Estudos da Tradução traduzidas para o português. A intenção é apenas mencionar que alguns trabalhos desta natureza já foram realizados recentemente no país.

2 O projeto e seleção do corpus

Levando em consideração as reflexões trazidas na introdução, nasce o projeto de pesquisa *Tradução de Textos Fundamentais* junto à criação do grupo de pesquisa *Textos Fundamentais em Tradução* no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob minha supervisão. O projeto visa a tradução de textos teóricos para a língua portuguesa pelos motivos supracitados: dar acesso aos textos na língua oficial do país e também trazer mais acessibilidade a essas obras.

O projeto e o grupo de pesquisa apresentam dois objetivos principais: 1- contribuir para o acervo brasileiro de textos teóricos traduzidos para o português e 2- formar tradutores e tradutoras de textos acadêmicos na Universidade Federal da Bahia. Atualmente o grupo conta com cinco pesquisadoras, todas graduandas do curso de Letras Inglês. O grupo trabalha em uma tradução colaborativa: são tradutoras e revisoras da tradução das coleções em reuniões presenciais e virtuais.

A primeira obra selecionada para tradução foi o livro *Memes of Translation*, de Andrew Chesterman, publicado pela primeira vez em 1997, cuja edição mais recente data de 2016, a qual estamos utilizando. Esta obra foi escolhida particularmente pela relevância no cenário atual dos Estudos da Tradução especialmente no Brasil entre pesquisadores(as) proficientes em língua inglesa⁴. A obra nunca foi traduzida para o português e ela pode ser útil para pesquisadores e pesquisadoras brasileiras proficientes ou não em língua inglesa e ser mais facilmente utilizada na pesquisa acadêmica brasileira se circular entre bibliotecas públicas e livrarias físicas e virtuais do país.

Chesterman aborda as grandes tendências (memes) de traduzir e de pensar tradução na história e no mundo contemporâneo compreendendo as teorias tradutórias como um processo de evolução no campo das ideias, que são disseminadas e transformadas. Revisitando várias teorias que perpassam pela sociobiologia e a filosofia de Karl Popper até as teorias de tradução, com um enfoque no conceito de normas, Chesterman pensa em tradução na teoria e prática: estratégias tradutórias, tentativas, erros e reflexões. Assim sendo, a futura publicação da obra traduzida deve colaborar com os cursos de graduação em Tradução e em Letras e pós-graduações em Estudos da Tradução e áreas afins (tal como Língua e Literatura) para as universidades brasileiras.

Outra justificativa para a tradução da obra em um grupo de pesquisa cujo objetivo é também formar tradutores e tradutoras foi justamente de levar esta obra em particular às pesquisadoras/tradutoras como objeto teórico, como metatradução. Ou seja, através da prática tradutória, elas também aprendem a teoria e refletem o próprio fazer tradutório. Os memes e supermemes levantados por Chesterman, por exemplo, fazem parte das

⁴ Para exemplificar, em uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES usando a palavra-chave “Chesterman”, foram encontrados 26 resultados entre os anos de 2009 e 2017 de pesquisas que utilizam as obras de Chesterman. Dois desses trabalhos apresentam a aplicabilidade das estratégias tradutórias de Chesterman em seu título: ANJOS, Maria Elizete Pereira dos. **Estratégias de Tradução em um Curso de Licenciatura em Letras: uma análise sob a perspectiva de Andrew Chesterman**. Mestrado em Educação, Minguagem e Tecnologias. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, Anápolis, 2017 e PEZZINI, Ornella Inêz. **Análise das estratégias de tradução (segundo Chesterman 1997) de cem resumos/abstracts da revista DELTA**. Mestrado em Estudos da Tradução. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, 2005. Informação encontrada em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> (acesso em 07/03/2020) Também foram encontrados 819 títulos no Google Acadêmico com as palavras-chave “Chesterman tradução”, desde TCCs até artigos científicos e livros.

crenças sobre tradução no imaginário dos tradutores e tradutoras. Tais questões são discutidas e refletidas durante a prática tradutória.

3 Métodos de trabalho

A primeira tarefa, depois de uma leitura inicial da obra de Chesterman, foi a elaboração de um projeto de tradução e de um glossário que discuto nas duas próximas subseções em detalhes. O projeto de tradução foi baseado nos fatores extratextuais e intratextuais sugeridos por Christiane Nord (2016) para delimitarmos a função e o propósito da tradução, como por exemplo, algumas questões de escrita acadêmica, como lidar com as citações de obras que já estão traduzidas para o português, como lidar com os exemplos utilizados no texto-fonte e até algumas questões estéticas, levando também em conta o senso de humor peculiar de Chesterman. Já o glossário foi elaborado na busca por consistência em decisões lexicais para toda a obra, primeiramente porque é um texto traduzido por várias tradutoras e, em segundo lugar, porque é um texto longo, de mais de 200 páginas, que deve ser consistente do início ao fim, especialmente no que se refere à terminologia específica de áreas de conhecimento utilizadas por Chesterman, tais como os Estudos da Tradução, a Linguística, a Literatura, a Filosofia e a Sociobiologia.

3.1 *O Projeto de Tradução*

Para trabalhar com a tradução da obra de Chesterman de forma prática, elaboramos um projeto de pesquisa baseado nos fatores extra e intratextuais de Christiane Nord (2016). A escolha desta teórica em particular foi porque em sua obra, Nord sugere uma análise minuciosa do texto-fonte para então projetar o texto-alvo, para que assim, o texto-alvo atinja o propósito almejado (VERMEER, 1986). Deste modo, os resultados podem ser comparáveis (NORD, 2016).

Seguindo as categorias elencadas por Nord, conta-se com oito fatores extratextuais: emissor(a)s, intenção, receptor(a)s, meio, lugar, tempo, propósito e função textual. Para os fatores intratextuais, conta-se também com oito categorias: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, características suprasegmentais e sintaxe. Ao final, Nord elege um fator a parte que chama de efeito do texto.

Muitos dos fatores elencados acima se repetem para a análise do texto-fonte e sua respectiva projeção para o texto-alvo. Nord já havia previsto isso, sabendo que a prioridade de observação dos fatores extra e intratextuais pode variar de acordo com a tipologia textual e o seu propósito. Por exemplo, se um romance for traduzido para uma história em quadrinhos, algumas características devem permanecer, mas podemos imaginar que o(a) receptor(a), o meio, a função textual, a estruturação, os elementos não-verbais e as características suprasegmentais devem ser fatores cruciais que o(a) tradutor(a) precisa levar em consideração durante sua tarefa.

No caso da tradução da obra de Chesterman, não há o objetivo de mudar o propósito –ou seja, propor a teoria dos memes da tradução–, nem a função –informativa e argumentativa. Entretanto, outras diferenças foram observadas entre a análise do texto-fonte e a projeção do texto-alvo. Cito abaixo os fatores que mostraram algumas disparidades entre análise do texto-fonte e projeção do texto-alvo e trago uma breve discussão sobre cada uma fornecendo exemplos de alguns casos. São eles: receptor(a), estruturação, léxico, características suprasegmentais e sintaxe.

a. Receptor(a). Ainda que o público-alvo dos textos fonte e alvo seja exclusivamente acadêmico da área de Estudos da Tradução, o texto-alvo é escrito para este público

especificamente no Brasil. Levando em conta esta característica junto a função textual, que é a mesma para os dois textos, os outros fatores elencados para discussão apresentam pontos que devem ser observados para uma adequação ao público leitor.

b. Estruturação. O texto-fonte apresenta uma estrutura em forma de livro dividida em prefácio, sete capítulos, epílogo, referência e anexos. Todas essas características devem ser mantidas no texto-alvo, incluindo, na medida do possível, a estruturação semelhante das divisões de parágrafos e frases –por razões óbvias, algumas frases ou até mesmo parágrafos são comprimidos ou dilatados, dependendo de como segue a argumentação de uma ideia.

No entanto, há mudanças pontuais na estruturação do texto-alvo. Essa mudança concerne às notas das tradutoras e os exemplos utilizados para definir suas estratégias tradutórias no capítulo 4 e outros capítulos que apresentam exemplos que ilustram os argumentos de Chesterman.

Vejamos primeiramente a questão das notas. Pensando nas funções primordialmente informativa e argumentativa, o gênero textual acadêmico aceita (e solicita, às vezes) as notas de tradução.

Alguns exemplos de notas das tradutoras já incluídas no texto-alvo são expostos a seguir. Observa-se que as notas aparecem no texto por motivos diferentes, a primeira para clarificação de um termo e a segunda para a informação de uma obra traduzida no Brasil.

Exemplo 1:

Memes often occur in complexes, memomes, in mutual dependence with other memes. (p.6)

Os memes ocorrem frequentemente em complexos, os memomas*, em mútua dependência com outros memes.

*N.T.: Assim como o genoma é o conjunto de genes, o memoma é o conjunto de memes.

Apesar de não haver uma nota explicativa em inglês e pensando na frequência do uso do termo *memoma* em português, decidimos colocar a nota no texto-alvo. Essa decisão ocorreu justamente na busca por este termo em português, que é praticamente inexistente⁵. Já no espanhol, o termo *memoma* aparece com mais frequência. Neste sentido, por parecer ser uma introdução deste conceito em língua portuguesa, optamos por uma breve nota explicativa, ainda que a frase no texto deixe claro que memes ocorrem em memomas.

Exemplo 2:

One line of inheritance can be traced through Benjamin's classic essay on "Die Aufgabe des Übersetzers" ([1923] 1963). (p. 27)

Um ramo desta herança pode ser visto no clássico ensaio de Walter Benjamin em "A Tarefa do Tradutor" ([1923] 2010)*.

*N.T.: Die Aufgabe des Übersetzers, traduzido por Susana Kampff Lages.

⁵ As buscas limitaram-se a sites de busca como Google e Google Acadêmico. Em textos em português, encontramos uma entrada na tese de MARQUES, José Geraldo Wanderley et al. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mandau-Manguaba**, UNICAMP, 1991. (http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/315947/1/Marques_JoseGeraldoWanderley_D.pdf)

Esta nota das tradutoras serve para informar que há uma tradução para português do ensaio de Walter Benjamin. Na verdade, não há apenas uma tradução para o português deste ensaio, mas decidimos pela tradução de Lages, pois é a obra que consultamos durante a tradução. O ensaio também foi traduzido para o inglês, mas Chesterman optou pelo original em alemão, possivelmente por ser a obra que consultou durante sua pesquisa. Também alteramos o segundo ano de 1963 –possivelmente o ano da publicação utilizada por Chesterman— para 2010, o ano da publicação da obra traduzida para o português que consultamos.

Além dos motivos específicos para introduzir notas no texto, elas também colaboram para a visibilidade do(a) tradutor(a) (VENUTI, 2004), mostrando que a tarefa de tradução foi uma ação ativa e reflexiva, já que suas marcas estão presentes em diferentes páginas da obra. Por este mesmo motivo, outra alteração na estruturação será um prefácio ou posfácio sobre a tradução da obra na versão final. Este texto deve incluir algumas questões do processo e resultado que obtivermos.

Vejamos agora o caso dos exemplos utilizados para a definição de estratégias tradutórias do capítulo 4. Chesterman define três níveis de estratégias tradutórias: sintático, semântico e pragmático. Dentro destes três níveis, há uma vasta lista de diferentes estratégias, conforme ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 1 –Estratégias Tradutórias de Andrew Chesterman (2014)

Estratégias Sintáticas	Estratégias Semânticas	Estratégias Pragmáticas
<ul style="list-style-type: none"> •Tradução literal •Empréstimo ou calque •Transposição •Deslocamento de unidades •Mudanças de estrutura •Mudanças de estrutura de partes de frases em termos constituintes •Mudanças de estrutura de sentença •Mudanças de coesão •Deslocamento de níveis •Mudanças de esquema 	<ul style="list-style-type: none"> •Sinonímia •Antonímia •Híponímia •Oposição •Mudanças de abstração •Mudanças de distribuição •Mudanças de ênfase •Paráfrase •Mudanças de tropo 	<ul style="list-style-type: none"> •Filtro cultural •Explicação/implicação •Informação •Mudanças interpessoais •Mudanças de elocução •Mudanças de coerência •Tradução parcial •Mudanças de visibilidade •Reedição ou reescrita total

Fonte: A autora (2019)

Cada uma das estratégias tradutórias acima é apresentada na obra de Chesterman com explicação e exemplos de um corpus bilíngue alemão-inglês da revista de voo da *Austria Airlines*. Nosso questionamento é como tratar com um corpus alemão-inglês para explicar estratégias tradutórias em português. Há duas opções nesse caso. A primeira é traduzir literalmente os exemplos para o português e colocá-los logo abaixo de suas frases originais em alemão e inglês de modo que o(a) leitor(a) brasileiro(a) entenda o exemplo. A segunda opção é adaptar o corpus para um corpus bilíngue português-inglês. Ambas estratégias são observáveis em obras previamente traduzidas na área. Em *A Tradução e a*

Letras de Antoine Berman (2007), o tradutor e as tradutoras optaram pela primeira opção enquanto as tradutoras e o tradutor da obra *Análise Textual em Tradução* de Christiane Nord (2016) optaram pela segunda opção.

Por fim, decidimos pela segunda opção. Essa decisão se justifica com o argumento de que o texto ficará mais funcional e também pela economia de palavras. Em conversa por e-mail, Andrew Chesterman concordou com a mudança do corpus para os exemplos desde que utilizemos o mesmo gênero textual. O novo corpus bilíngue ainda está sendo selecionado.

c. Léxico. Em relação ao léxico, estabelecemos um glossário, que apresento na próxima seção. Além do glossário, estabelecemos algumas padronizações e seguimos o padrão lexical de texto acadêmico brasileiro, evitando gírias e coloquialismos, tal como Chesterman fez em inglês. O que vale ressaltar nesta seção são as adequações de gênero para todos os substantivos que possam ser representados no masculino e feminino, assim como artigos, adjetivos e pronomes possessivos relacionados.

Sabe-se que questões de gênero no inglês são menos evidentes quando se refere às profissões e atividades humanas, como por exemplo, *translator, scholar, trainee, writer, reader*, etc. Neste sentido, o texto-fonte não parece dar essa preferência pelo gênero masculino como os textos tradicionais da língua portuguesa. Ainda assim, há algumas escolhas possíveis de pronomes na língua inglesa como os pronomes *he, s/he, he or she* e *they*, por exemplo, para indicar generalizações. Chesterman não parece seguir um modelo consistente, já que encontramos tanto o pronome possessivo no masculino, *his*, como os dois, *his or her*, para indicar generalizações de atividades humanas. Abaixo apresento um exemplo do uso do pronome possessivo masculino e do pronome possessivo masculino e feminino no texto-fonte para ilustrar. A presença do gênero está em itálico para melhor visualização:

It is the translator's task to break through the barriers of *his* own language, in order that it can renew itself via contact with this "pure language" (Chesterman, 2016, p. 27, grifo da autora)

Since any language-user interprets any utterance partly in terms of *his or her* previous experience of the language and of life, no two readers ever come to a given text with exactly the same set of cognitive assumptions; [...] (Chesterman, 2016, p. 35, grifos da autora)

Independente da opção de uso do gênero feminino ou não no texto-fonte, optamos por sempre colocar os dois, mesmo se o substantivo estiver no plural (exemplo: tradutores/as). Assim sendo, a tradução para os dois trechos acima ficou da seguinte forma:

É a tarefa do/a tradutor/a quebrar as barreiras da própria língua, para que esta possa se renovar através do contato com essa "língua pura".

Uma vez que qualquer usuário/a da língua interpreta qualquer enunciado, em parte, nos termos de sua experiência prévia na língua e na vida, dois/duas leitores/as jamais chegam a um dado texto com exatamente o mesmo conjunto de suposições cognitivas.

Nossa escolha por dar ênfase ao gênero feminino junto ao masculino, ainda que possa "quebrar a fluidez" da leitura, é uma escolha política para dar visibilidade às atividades realizadas por homens e mulheres, como escrever, ler e traduzir. Observamos esta tendência em diversos textos acadêmicos atuais em língua portuguesa. Além disso, somos um grupo de pesquisa que atualmente é composto somente por mulheres, o que nos fez refletir mais profundamente sobre essa prática.

Em alguns casos de atividades humanas passadas, precisamos pesquisar se ela realmente foi realizada por homens e mulheres. Há um exemplo, quando Chesterman fala da atividade *theoros*, do grego. Ele explica que era uma função específica de uma pessoa que consultava o oráculo na Grécia antiga (CHESTERMAN, 2014, p. 1). Há também o caso do termo *orator*, na educação da Roma antiga (Idem, p.24). Para ambas os casos, tivemos que pesquisar se haviam mulheres que exerciam a atividade nesta época. Para o primeiro caso, encontramos em um artigo científico e um blog de educação que haviam, de fato, mulheres consideradas *theoros*, e assim, inserimos a adequação de gênero⁶. Para o segundo, encontramos várias entradas sobre Hortênsia, oradora no primeiro século antes de Cristo.

O léxico do glossário é discutido posteriormente neste mesmo artigo.

d. Características suprasegmentais. Há algumas questões aqui que são levadas em consideração, pensando, principalmente na consistência de uma obra publicada no Brasil. Levamos em consideração as referências, o estilo de formatação e os símbolos que indicam termos-chave para a obra. Observemos alguns detalhes de cada elemento considerado nesta categoria.

Primeiramente, todas as citações de obras encontradas no livro de Chesterman que já tenham sido traduzidas para ou originalmente escritas em português, se for o caso, devem ser utilizadas. Para isso, estamos em fase de mapeamento das obras citadas que foram traduzidas e publicadas em língua portuguesa. Algumas já foram encontradas, como o material de Karl Popper, fundamental para a obra de Chesterman. Este material, quando citado, assim como outros que estão sendo mapeados, serão utilizados conforme publicados em português. Para isso, também teremos que alterar a seção de referências ao final do livro de Chesterman. Ou seja, vamos utilizar as referências em português, com o ano de publicação no Brasil, a editora brasileira e, sempre que encontrarmos, o nome do(a)s tradutores(as) destas obras. Este trabalho serve para promover as obras traduzidas que circulam dentro do nosso país e dar visibilidade ao processo de tradução.

Como dito anteriormente, muitas obras científicas estrangeiras ainda não são encontradas em português. Neste caso, traduzimos e citação, indicamos como tradução nossa e inserimos o original em rodapé, para que o(a) leitor(a) possa fazer a leitura da citação em inglês.

Algumas consistências também precisaram ser observadas em termos que Chesterman utiliza com frequência e que fazem parte do seu próprio estudo. Chesterman nomeia, por exemplo, *memes* e *supermemes*. Para todas as tradutoras seguirem o mesmo padrão, decidimos que memes com um nome específico serão sempre indicados com a preposição *de* mais o artigo feminino ou masculino seguido de letra maiúscula. Por exemplo: *o meme da Conceção de Deus*, *o meme do Logos*. Para *supermemes*, que são apenas cinco, decidimos utilizar aspas simples, sem preposições e com letra minúscula. Por exemplo: *o supermeme 'equivalência'*, *o supermeme 'intraduzibilidade'*. Essa decisão foi tomada para discernimento mais claro entre os *memes* e os *supermemes*.

Outras questões suprasegmentais são mais simples e possivelmente mais óbvias, mas vale a pena citar somente para ilustrar como parte do processo de observação do texto-

⁶ Fontes encontradas: ROGERS, Guy Maclean. The constructions of women at Ephesos. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, p. 215-223, 1992. (disponível em: <http://www.uni-koeln.de/phil-fak/ifa/zpe/downloads/1992/090pdf/090215.pdf>) e <https://blogdoenem.com.br/socrates-oraculo-delfos-filosofia-enem/> (Acesso em 14/09/2019)

fonte e projeção do texto-alvo: quanto à formatação, o texto está sendo traduzido de forma a seguir as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) justamente por ser um livro de cunho acadêmico cuja tendência é seguir este padrão no Brasil; palavras e expressões estrangeiras devem ser italicizadas, a não ser já estejam incorporadas no português normativo; referências de livros ou periódicos permanecem italicizados tal como no texto-fonte com ocasionais traduções literais para obras estrangeiras, conforme o contexto solicitar uma clarificação.

e. Sintaxe. O projeto deve seguir o rigor de um texto acadêmico brasileiro dentro das expectativas sintáticas e lexicais. Dentre algumas questões, decidimos não utilizar frases imperativas no texto. Chesterman às vezes utiliza a voz imperativa convidando o(a) leitor(a) a uma ação, tal como ler, pensar, consultar, etc.:

Compare the effects of dubbing versus subtitling, for example: dubbing tends to be preferred policy in nationalistic cultures which resist the foreign, whereas subtitling is more used in weaker cultures that are readier to accept the foreign (see e.g. Danan 1991). (Chesterman, 2016, p. 38, grifos da autora)

Por exemplo, na comparação entre os efeitos da dublagem e a legendagem, a dublagem costuma prevalecer nas culturas nacionalistas que resistem ao que é estrangeiro, enquanto a legendagem é mais usada em culturas receptivas aos conteúdos estrangeiros (ver Danan, 1991).

No exemplo acima, Chesterman usa a voz imperativa duas vezes no texto-fonte (*Compare* e *see*). Para a primeira, utilizamos um substantivo, *comparação*, e fizemos algumas adaptações sintáticas para a informação funcionar de modo semelhante. Para a segunda voz imperativa, *see*, simplesmente colocamos no infinitivo, *ver*. Esta decisão foi tomada porque a voz imperativa não é habitual em textos acadêmicos brasileiros. Ainda que sejam ocasionais no texto-fonte e apresentam uma proximidade de Chesterman com o(a) leitor(a), optamos pela consistência textual ao longo de todo o livro.

Chesterman apresenta algumas características singulares. Após a tradução de alguns capítulos, estamos mais próximas do autor e conseguimos enxergar padrões que talvez, uma leitura menos íntima do que a leitura do(a) tradutor(a) não seja capaz de observar. Dentre eles, observamos com certa frequência o uso de frases completas dentro de parênteses, como no exemplo do trecho a seguir:

Some have thought this approach to equivalence to be somewhat cavalier (see e.g. Snell-Hornby 1988:25), but it does have the advantages of being realistic, pragmatic, and including a much wider range of texts under the translation umbrella. (This point will be elaborated in the following chapter.) (Chesterman, 2016, p.37)

Algumas pessoas pensaram que esta abordagem da equivalência era um pouco arrogante (ex.: Snell-Hornby 1988, p. 25), mas ela tem as vantagens de ser realista, pragmática e incluir uma gama muito maior de textos sob o guarda-chuva da tradução. Esse tema será abordado no capítulo seguinte.

A última frase no fragmento do texto-fonte está entre parênteses, separada por pontos finais. Neste caso, ela foi traduzida por uma frase sem parênteses. As estratégias em casos como este podem variar. Às vezes a frase entre parênteses pode fazer parte da frase anterior. Isso pode acontecer entre vírgulas ou mesmo entre parênteses, desde que a informação entre parênteses faça parte da frase anterior; i.e., é iniciada em letra minúscula. Outra estratégia possível é formar uma nova frase, como o exemplo anterior. O que não acontece é uma frase inteira entre parênteses, como está no texto-fonte. Pensando na gramática normativa, tomamos esta decisão, apesar de estarmos conscientes da quebra do estilo do autor. Mas, por se tratar de um texto acadêmico, com certas expectativas normativas, decidimos apagar este traço.

Pelo mesmo motivo, tomamos a liberdade de manipular a pontuação em alguns casos. A pontuação do texto-alvo, em geral, segue a norma padrão do português brasileiro, evitando, principalmente o ponto e vírgula quando não se trata de listagens –pontuação bastante recorrente na língua inglesa– e o excesso de quebras de frases com parênteses e travessões, que acontecem frequentemente no texto-fonte.

Ainda que a decisão geral de padronizar muito de uma linguagem e tendo a noção de que parte dessa decisão possa afetar, de algum modo, a estilo de escrita de Chesterman, há uma questão particular que vem nos chamando atenção ao longo do texto e que decidimos manter. O senso de humor de Chesterman, ainda que sutil, por se tratar de um texto teórico, é singular. Chesterman, ocasionalmente e discretamente opina em um tom despojado.

For some, norms appear to become bogeys set up by nasty theoreticians to humiliate hard-working translators. (Chesterman, 2016, p. 53)

Há quem entenda as normas como inimigas criadas por teóricos/as cruéis para humilhar tradutores/as que trabalham pesado.

Características como essa permeiam a obra de Chesterman apresentando um tom jocoso, um drama um pouco exagerado para um texto acadêmico e um certo sarcasmo, conhecido no senso comum como *humor inglês*. Estas partes do texto normalmente são levemente engraçadas e aliviam o peso de uma densa obra teórica. Por esta razão, neste caso consideramos que o estilo do autor é fundamental para a tradução da obra e procuramos mantê-lo o máximo possível.

3.2 Glossário

Considerando que o processo de tradução se encontra em fase de produção, o glossário é um arquivo constantemente alimentado durante as reuniões e revisitado pelas tradutoras nas reuniões de revisão para verificação. Sabe-se que o principal motivo da elaboração de um glossário é para padronizações de termos que se repetem ao longo de toda a obra.

Há alguns termos que não podem ser padronizados, pois precisam ser decididos no contexto situacional em que se encontram. No entanto, muitos são passíveis de padronização ou devem ser padronizados. Os termos e expressões que devem ser padronizados são aqueles que fazem parte da terminologia específica de uma área de conhecimento específica. Os que podem ser padronizados, normalmente podem ser traduzidos de algumas formas diferentes, como, por exemplo, texto-alvo, texto alvo, texto de chegada e ainda texto meta (foram encontrados todos esses termos em nossa pesquisa, e todos podem expressar o *target text*, em inglês). Para isso, precisamos criar padrões que se repetem ao longo de toda a obra.

a. Terminologia específica. Nela incluem conceitos teóricos e práticos. A maioria deles, em nossas pesquisas através de sites de busca⁷, já aparecem em português, utilizados em pesquisas escritas em língua portuguesa. Um exemplo é a *Norm theory* definida para a tradução como *Teoria das normas*, tal qual os pesquisadores e pesquisadoras brasileiras vem usando. Às vezes encontramos algumas variações, como o uso ou não de hifens. Isso

⁷ Dentre eles, a preferência foi sempre no Google Acadêmico, em textos acadêmicos, e o próprio Google, na busca por textos paralelos. Na busca, observamos a frequência de entradas de possíveis variações do uso do termo e os contextos relacionados ao termo conforme aparecem no texto-fonte. Linguee e dicionários monolíngues e bilíngues gerais (tal como Google Tradutor, Oxford, Thesaurus, Merriam-Webster, Priberam, Dicio, e outros) e específicos (*Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*, ver referências) também foram utilizados para a pesquisa.

aconteceu, por exemplo, em nossa pesquisa sobre a *Tentative theory* em textos acadêmicos em português. O hífen não apresenta um número simbólico de maior ou de menor uso em nossas buscas. Neste caso, optamos por utilizar *Teoria tentativa*, sem hífen. Semelhantemente, o termo *word-meanings* também aparece de várias formas em português, com hífen, sem hífen, com barra e etc. Dentre eles, optamos pela seguinte padronização: *palavras-significados*.

Nem todos os conceitos são facilmente encontrados em língua portuguesa. Por exemplo, a tradução do termo *shift* usado por Catford ainda apresenta uma miscelânea de resultados nos textos acadêmicos em português encontrados. Há textos que o representam como *shift* e como *mudança*, mas a maioria ainda aparece como *shift (mudança)*. Por *shift (mudança)* ser a ocorrência mais frequente, esta foi a decisão final.

Padronizações. Quando não se trata de terminologia específica de áreas abordadas na obra de Chesterman, há mais possibilidades de traduções, com diferentes sinais gráficos, sinônimos e etc. Para evitar um leque de possibilidades que certamente varia conforme as preferências pessoais de cada tradutora, estabelecemos também algumas padronizações. Por exemplo, o uso de exemplo de forma contraída, o *eg.*, em inglês. Para evitar correções na revisão final, já estabelecemos que será sempre *ex.*:

Chesterman também apresenta uma série de termos cunhados por ele mesmo, tais como *meme-complex*, *meme pool*. Nestes casos, precisamos estabelecer uma única tradução ao longo de toda a obra: *complexo de memes* e *pool de memes*, respectivamente. A decisão em manter *pool* em inglês foi longa, já que evitamos ao máximo utilizar estrangeirismos, mas nenhuma palavra no português –como reservatório, por exemplo— parecia completar a ideia do mesmo modo. O motivo foi justamente porque Chesterman trabalha com a ideia de que *memes* é, para o mundo das ideias, o mesmo que *genes* é para a biologia e reprodução. Em português, encontramos uma grande quantidade do uso do termo *pool* em textos das ciências biológicas. Por isso, decidimos manter a palavra em inglês.

Outras padronizações envolvem escolhas para termos que apresentam sinônimos, aparentemente sem grandes diferenças contextuais, mas podem causar falta de consistência se usados alternadamente. Por exemplo, *spread*, é uma palavra central da teoria dos memes de Chesterman, já que os memes perpassam pelo campo das ideias. Qualquer opção, *espalhar*, *disseminar*, *propagar*, parecia boa suficiente. Para evitar muitos usos e com o intuito de reforçar a ideia defendida pelo autor, elegemos apenas uma tradução possível para toda a obra: *disseminar*.

Alguns termos em inglês parecem não corresponder diretamente a nenhum termo em português. É o caso do termo *cross-cultural*. Os textos que falam sobre cruzamentos culturais em português usam, com bastante frequência, *estudos interculturais* e *transculturais*. Os termos *intercultural* e *transcultural* também existem no inglês com a mesma frequência de *cross-cultural*. As distinções entre os três termos não aparecem claramente definidas em nossas pesquisas. Um exemplo são as definições do dicionário Merriam-Webster abaixo⁸:

Cross-cultural: dealing with or offering comparison between two or more different cultures or cultural areas.

⁸ <https://www.merriam-webster.com/dictionary> (acesso em 23/09/2019). Essa definição é meramente ilustrativa, já que um dicionário comum não consegue trazer as nuances que distinguem e definem os termos como um dicionário técnico ou uma enciclopédia traria.

Intercultural: occurring between or involving two or more cultures

Transcultural: involving, encompassing, or extending across two or more cultures.

Neste caso, optamos pelo termo *intercultural*, já que aparece como uma possível tradução em muitos resumos/abstracts encontrados. Além disso, transcultural mostra ocorrências em contextos como algo que vai além do cruzamento entre culturas.

4 Resultados e conclusões provisórias

Com este projeto e parte de sua execução já realizada, é nítido observar como questões que envolvem a tradução de textos teóricos merece mais atenção na pesquisa em Estudos da Tradução.

O grande universo de teorias de tradução literária muito pode contribuir para pensar em tradução de textos teóricos, já que são textos que envolvem reflexões humanas. Mas nem tudo é aplicável. Um texto científico é mais rígido que um literário e sua função textual também se difere bastante, já que a função estética não é a maior prioridade de um texto teórico. O texto teórico, ainda que tenha as sutilezas do escritor ou escritora, tem como objetivo informar e defender um argumento. Estas são as preocupações majoritárias na sua tradução.

Quando pensamos em tradução de textos específicos, a gama de gêneros textuais é muito grande e por mais que se force uma situação, não é possível pensar em uma mesma problemática para os vários gêneros textuais. Cada um tem suas prioridades para diferentes usos. O universo das teorias de tradução de textos não-literários (ou textos técnicos, como ainda pode ser encontrado) também já é bem mais tímido. Fala-se muito em terminologia específica, e isso realmente é algo que deve ser tratado com atenção em traduções técnicas. Entretanto, como afirma João Azenha Júnior (1996), é preciso levar em conta as condicionantes culturais específicas.

Ainda que as teorias de tradução de textos literários e técnicos contribuam com esta reflexão, textos científicos, acadêmicos e teóricos precisam ser pensados, pelo menos em parte, separadamente das teorias de tradução técnica e literária, mas como tradução de textos acadêmicos. Como observado acima, a terminologia específica é somente um elemento que deve ser levado em consideração. Questões de estilo, de funcionalidade e de visibilidade do tradutor ou tradutora devem ser pensadas com exclusividade para este contexto.

Para finalizar, outra questão sobre este projeto específico de tradução em um grupo de pesquisa de Letras vale a reflexão. A pesquisa não só contribui para a formação formal de tradutores e tradutoras através de uma metatradução, mas também para fomentar a interdisciplinaridade dentro dos centros acadêmicos, já que a tradução é naturalmente um campo interdisciplinar. Hoje traduzimos uma obra de Estudos da Tradução. Amanhã podemos traduzir uma obra de outra área de conhecimento para colaborar com o acesso a obras estrangeiras para acadêmicos e acadêmicas brasileiras das mais diversas áreas. A tradução de uma obra teórica indubitavelmente requer muita pesquisa e trocas de conhecimento.

5 Referências

- AZENHA JR, João. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 1, p. 137-149, 1996.
- BAKER, Mona. Routledge encyclopedia of translation studies. Routledge, 2003.

- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra – ou o Albergue do Longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 7 Letras: Rio de Janeiro, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. HEIDERMANN, Werner (Ed.). **Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngüe Alemão-português**. Tradução de Susana Kampff Lages. Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de tradução, 2010.
- CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation**. John Benjamins, 2016.
- HEIDERMANN, Werner (Ed.). **Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngüe Alemão-português**. Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de tradução, 2010.
- NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução de Christiane Nord, Hutan do Céu Almeida, Juliana de Abreu, Meta Elisabeth Zipser, Michelle de Abreu Aio, Silvana Ayub Polchlopek. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.
- VERMEER, Hans. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa, Portugal: ASA, 1986.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo) EDUSC: São Paulo, 2002.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: A history of translation**. Routledge, 2004.

